

## A DIFERENÇA ENTRE O ALUNO E O ESTUDANTE

Amália Cardoso Alves<sup>1</sup>  
Hellen Conceição Cardoso Soares<sup>2</sup>  
Jacinto Ferreira Filho<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir as práticas educacionais a partir das inovações tecnológicas, salientando o índice de aprovação do exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Mediante este quadro, estabelece uma diferenciação entre a conceituação de aluno e estudante, no qual o aluno é aquele que assiste as aulas, faz trabalho em grupos, etc. E além do mais tem como características ler o material das avaliações na véspera ou pouco tempo antes dela ocorrer. O que o estudante tem de diferente é que esta prática é solitária, para se estudar é necessário que esteja sozinho, e também não basta somente ler o texto, tem que escrever sobre os aspectos principais do mesmo. Estas informações são dadas pela neuropedagogia, que tem feito estudos sobre como aprender inteligência. Por fim, estabelece-se que o estudo tem que ser feito diariamente, subindo um degrau da inteligência por vez e que a tecnologia auxilia o ser humano, mas precisa ser utilizada de maneira correta.

Palavras chave: aluno, estudante, tecnologia

### INTRODUÇÃO

Não é nenhuma novidade mencionar que o mundo está em repleta transformação. Essas mudanças se processam de maneira tão rápida que as vezes não conseguimos acompanhar.

É fato que o avanço tecnológico, contribuiu para o crescimento da globalização e conseqüentemente modificou a vida dos seres humanos. É impossível nos dias atuais não ser contaminado por esta tecnologia.

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Atenas.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Atenas.

<sup>3</sup> Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Atenas.

Exemplo desta afirmativa é a quantidade de aparelhos celulares presentes nesta foto que se segue.



<http://www.hypeness.com.br/2013/06/serie-de-fotos-mostra-a-obsessao-das-pessoas-em-clicar-em-vez-de-viver-o-momento/>

Quem não se lembra desta foto que circulou pela internet nos últimos tempos? A primeira parte, retrata a posse do Papa Bento XVI, que ocorreu em 2005, e a segunda refere-se a posse do Papa Francisco primeiro em 2013.

Pois bem, o que se pretende analisar com estas duas fotos é o fato de que com uma diferença de apenas oito anos, a tecnologia, ou melhor o celular e a internet principalmente, tomaram conta da vida das pessoas. Todos queriam registrar o momento da posse do Papa Francisco I e enviar para amigos, parentes, etc.

Atualmente os indivíduos, têm uma obsessão por aparelhos tecnológicos de última geração, e a grande maioria não consegue mais viver sem eles, se sentem perdidos e totalmente deslocados sem a presença destes aparelhos.

O que isto tem a ver com a questão da diferença entre o aluno e o estudante? Tudo, pois segundo o professor Pierluigi Piazzini (2008) tem-se dois momentos fantásticos em nossa sociedade. De um lado encontra-se o computador que é extremamente veloz, mas é um idiota. De outro lado tem-se o cérebro humano, extremamente lento, mas um gênio.

O objetivo deste texto é justamente entender estes dois polos que a primeira vista parecem antagônicos e que convivem de maneira inseparável.

Mediante este objetivo, pretende-se discutir o tema, tendo como objeto de estudo a aluno e o estudante, que diferentemente do ser humano e o computador que parecem antagônicos, estes dois termos mencionados, parecem sinônimos e na realidade fazendo uma análise mais detalhada, tem-se que são termos diferentes.

Para discutir este assunto é imprescindível que se evidencie o uso da tecnologia, e é por ela que terá início este artigo.

## **1.1 O USO DA TECNOLOGIA**

Foi mencionado anteriormente que o computador é extremamente veloz e idiota e que o cérebro humano é extremamente lento e um gênio. Esta conversa sobre aluno e estudante partirá desta observação.

As informações estão sendo processadas cada vez mais rápidas, só que o computador não é inteligente para sozinho captar estas informações. Na era do conhecimento que é tão ressaltada nesta geração, é o ser humano que alimenta estas máquinas, ele que é o grande mentor de tudo que se visualiza pela navegação à internet.

Então isto significa que o uso da tecnologia favoreceu a vida dos sujeitos, pois o gênio (ser humano) criou uma máquina e uma ferramenta fantástica de navegação, que disponibiliza qualquer tipo de assunto que as pessoas necessitem.

Esta afirmativa é verdadeira em parte. Na realidade a tecnologia veio para auxiliar e melhorar a qualidade de vida das pessoas, mas ao mesmo tempo que ela faz isto, ela tem a capacidade de ir “emburrecendo” o gênio que é o ser humano.

A cada dia as pessoas se tornam cada vez mais dependentes destes aparelhos e esquecem que precisam fazer um exercício intelectual diariamente. Normalmente nem o número do próprio celular estas pessoas sabem. Se não sabem o seu número, imagina o dos outros.

Sem contar que a leitura que era fundamental nas escolas e na vida, vem decaindo ano após ano, o que é contraditório, pois ao mesmo tempo que a tecnologia traz um número infundável de informações, as pessoas estão lendo cada vez menos.

E com isto estão se “emburrecendo” ano, após ano. O gênio que existe dentro de cada um, está dando lugar as ações automáticas e mecânicas pelo mal uso desta ferramenta, que tem por objetivo melhorar a qualidade de vida da população e não torna-la mais burra, ou “idiota” utilizando o termo do professor Pier (2008).

Esta visão é generalizada, é necessário que se faça um recorte, trazendo esta realidade para as escolas brasileiras. É comum, professores reclamarem que ano após ano, o aluno se apresenta de forma mais desinteressada dentro das salas de aula. E neste caso a tecnologia se torna uma vilã aos olhos dos professores que afirmam que a escola não conseguiu acompanhar o progresso tecnológico e ficou desinteressante para o aluno, que recebe as notícias em tempo real.

Tem-se nesta afirmação um grande equívoco. Sabe-se que a qualidade da educação brasileira não é das melhores, e que as universidades vem tentando implementar novas metodologias com o intuito de fazer com que o aluno aprenda alguma coisa.

É frustrante para qualquer instituição de ensino e também para o professor, saber que um aluno do curso de direito, passou cinco anos no ensino superior e não consegue passar no exame da Ordem dos Advogados do Brasil. (OAB).

Dizer que o indivíduo não precisa da escola, que esta já está obsoleta, pois ele tem a informação que quiser via internet, e que a escola não acompanhou a evolução tecnológica pode ser analisada da seguinte forma.

É verdade que estes sujeitos possuem todas as informações necessárias que precisa na internet, mas ele não tem interesse e não sabe o que procurar. Ou seja, a escola ainda continua sendo a mediadora do processo de ensino-aprendizagem.

Mas se observar a segunda afirmativa feita neste texto, o aluno que frequenta a faculdade por cinco anos em um curso de direito, também não consegue passar no exame da OAB.

Desta forma, vem a reflexão que se propõe. Ele não passa por que a escola não consegue acompanhar a evolução tecnológica e não está o direcionando para este exame? Mas se a resposta for esta, este é um problema de todo o Brasil e não apenas de algumas universidades ou faculdades isoladas. A seguir tem-se o depoimento do presidente da Comissão Nacional do Exame da (OAB)

Desde que o exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) passou a ser aplicado de forma unificada, o pior índice de aprovação já registrado foi o da última prova, realizada no início de 2013. Segundo dados divulgados pelo órgão, na última sexta-feira (22), apenas um em cada 10 candidatos foram aprovados. Percentualmente apenas 10,3% dos candidatos passaram no exame. Para o presidente da Comissão Nacional do Exame de Ordem da OAB, Leonardo Avelino, o baixo índice de aprovação não é surpresa. Ele afirma que a tendência é que a taxa de aprovação fique entre os 10% e 15% em

cada avaliação realizada. Para Avelino, a má qualidade dos cursos de Direito e até mesmo do ensino médio justifica o baixo índice. “Muitos que prestam o exame não são capazes nem de interpretar com profundidade um texto. Essa é uma lacuna deixada pelo ensino médio que as faculdades não conseguem suprir porque não há tempo para isso”(2013)

Percebe-se que o índice de aprovação de acordo com os dados apresentados por Leonardo Avelino, são baixíssimos, e que no último ano apresentou percentuais ainda pior. Não se pode negar que é uma situação preocupante e que é necessário repensar a questão do aluno deste curso, para que alguma solução seja apontada para reverter este quadro.

Para exemplificar a sua fala, apresentar-se-á um quadro dos últimos exames aplicados, de acordo com o número de inscrições e o percentual de aprovação.

Exame	Número de inscrições	Número de questões anuladas na 1ª fase	Aprovados na 1ª fase após recursos (*)	% de aprovados na 1ª fase	Aprovados na 2ª fase após recursos	% de aprovados na 2ª fase
II	107.028	1	46.962	43,9	15.720	14,7
III	106.891	1	26.529	24,8	12.540	11,7
IV	121.259	3	21.917	18,1	18.223	15,0
V	108.322	1	50.594	46,7	26.014	24,0
VI	101.232	2	46.564	46,0	26.004	25,7
VII	111.910	4	45.884	41,0	16.446	14,7
VIII	117.867	-	51.246	43,5	20.773	17,6
IX	118.200	3	19.073	16,1	13.152	11,1
X	124.877	-	67.441	54,0	33.965	27,2

Fonte: Elaboração FGV Projetos/Núcleo de Concursos

Nota (\*): Número de aprovados após apresentação de recursos.

Não inclui examinandos que fizeram a prova da segunda fase em função de liminar.

De acordo com a estatística demonstrada pelo FGV, o maior percentual de aprovação alcançou 27,2% ao passo que o menor chegou a 11,1%. Não chegou a 30% o maior índice de aprovação. O que significa que a qualidade de ensino no Brasil está caminhando para a UTI. Especialistas em educação devem se desdobrar para descobrir uma saída.

Será apresentado outro quadro, agora com a estatística referente aos estados brasileiros.

Seccional da OAB	Examinandos	% do total de examinandos	Aprovados	% do total de aprovados	Taxa de aprovação (%)	# Ranking (% de aprovação)
Brasil	396.552	100	182.515	100	46,0	-
AC	1.236	0,3	468	0,3	37,9	22
AL	4.997	1,3	2.101	1,2	42,0	18
AM	4.821	1,2	1.676	0,9	34,8	26
AP	1.710	0,4	570	0,3	33,3	27
BA	17.418	4,4	8.457	4,6	48,6	8
CE	10.028	2,5	5.510	3,0	54,9	1
DF	17.077	4,3	7.619	4,2	44,6	15
ES	9.053	2,3	4.100	2,2	45,3	13
GO	16.849	4,2	6.785	3,7	40,3	20
MA	6.420	1,6	2.850	1,6	44,4	16
MG	44.549	11,2	22.550	12,4	50,6	3
MS	7.496	1,9	3.122	1,7	41,6	19
MT	9.043	2,3	3.414	1,9	37,8	23
PA	7.510	1,9	3.418	1,9	45,5	11
PB	7.361	1,9	3.351	1,8	45,5	12
PE	12.863	3,2	5.785	3,2	45,0	14
PI	7.375	1,9	3.449	1,9	46,8	10
PR	25.964	6,5	13.050	7,2	50,3	4
RJ	38.220	9,6	17.971	9,8	47,0	9
RN	6.298	1,6	3.089	1,7	49,0	7
RO	4.113	1,0	1.524	0,8	37,1	24
RR	1.296	0,3	476	0,3	36,7	25
RS	23.500	5,9	12.041	6,6	51,2	2
SC	16.557	4,2	8.173	4,5	49,4	6
SE	4.297	1,1	2.157	1,2	50,2	5
SP	86.659	21,9	37.332	20,5	43,1	17
TO	3.842	1,0	1.477	0,8	38,4	21

Fonte: Elaboração FGV Projetos/Núcleo de Concursos

Se fizer uma análise superficial chegar-se-à a conclusão que o estado de Minas Gerais está bem dentro do “ranking” nacional. É verdade, pois assume a terceira posição, mas somente 11,2% dos formandos em direito participaram do exame. O resultado final destes sinaliza 50,6% de aprovações.

Outra pergunta que se deve fazer é por que cerca de 89% dos alunos que estão saindo das faculdades não estão submetendo ao exame da ordem?

Claro que a ideia deste texto não é apontar uma receita para resolver este problema, nem tão pouco responder as questões levantadas, mas a intenção é suscitar nas pessoas este questionamento para que professores e acadêmicos comecem a pensar nesse fato.

Desta forma, tendo dado umas pinceladas sobre o uso da tecnologia dentro e fora das escolas, e o grande problema brasileiro que é a aprovação dos formandos do curso de direito no exame da OAB, pode-se passar ao assunto principal que é a diferença entre o aluno e o estudante.

## 1.2 DIFERENÇAS ENTRE ALUNO E ESTUDANTE

Por vários anos ouve-se dizer que aluno e estudante significa a mesma coisa. Tanto que quando se pergunta a um jovem que não trabalha, o que ele faz da vida, ele não hesita em dizer que é estudante. Ou quando perguntamos a alguém que está na faculdade, qual o curso que ele faz, geralmente se responde prontamente que estuda o curso tal.

Na mesma proporção, professores se referem aos acadêmicos como alunos ou estudantes, isto é perfeitamente normal. Só que esta nomenclatura sendo sinônima é uma característica do Brasil e talvez esteja nesta confusão o fato da nossa educação está caindo de qualidade vertiginosamente.

Professores reclamam que recebem na faculdade analfabetos funcionais, que não sabem interpretar um texto simples. O que estes professores não fazem é responder como eles estão saindo. Qual a transformação que a instituição processou na vida destas pessoas. Elas podem até ter entrado nestas condições, mas o que as tornou diferente?

Vale a pena ressaltar este significado de analfabeto funcional, que de acordo com Thomaz Wood Jr (20013, p.1)

A condição de analfabeto funcional aplica-se a indivíduos que, mesmo capazes de identificar letras e números, não conseguem interpretar textos e realizar operações matemáticas mais elaboradas. Tal condição limita severamente o desenvolvimento pessoal e profissional. O quadro brasileiro é preocupante, embora alguns indicadores mostrem uma evolução positiva nos últimos anos.

Mas o que fazer diante deste quadro? Talvez seja mais fácil colocar a culpa no ensino médio. O sujeito saiu de lá sem saber nada e quando chega à faculdade não há mais o que fazer. Um bom professor sabe que isto não é verdade.

A escola seja de ensino fundamental, médio, ou superior, tem que transformar a vida do sujeito, fazendo com que ele suba um degrau por dia em termos de aprendizagem. A realidade brasileira não vem demonstrando isto. Ela não proporciona esta subida de degraus e o sujeito se torna apático e acomodado, julgando que ter um diploma é coisa importante.

Para os dias atuais que cobra no mercado de trabalho inovação e talento, o diploma não significa muita coisa. É lógico que é necessário ter uma formação, mas como o próprio nome indica, o sujeito precisa de uma “formação”.

Este é o grande desafio das escolas brasileiras em todos os níveis. É de conhecimento dos professores, que de 3 em 3 anos o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que tem como objetivo ver o nível de competência dos alunos de diversos países.

O PISA é um exame de habilidades dos alunos e conhecimentos ao se aproximar do final da escolaridade obrigatória. Não é um teste de escola convencional. Ao invés de examinar o quão bem os alunos aprenderam o currículo escolar, que analisa a forma como estão bem preparados para a vida para além da escola.  
<http://pisa2003.acer.edu.au/index.php>

O Brasil começou a participar deste processo desde 2003, e a primeira vez que ele participou ficou em penúltimo lugar. Com o passar dos anos, esta realidade não teve grandes melhorias, mesmo com o esforço de se inserir novas metodologias e utilizar recursos tecnológicos nas instituições.

Neste mesmo ano, a Finlândia ficou em primeiro lugar. Estudiosos, pesquisadores, professores de todo mundo se voltaram para este país para entender este fenômeno. E o que eles descobriram?

Que a Finlândia tem em suas escolas desde a idade do ensino fundamental, estudantes e não apenas alunos.

Chegou-se ao ponto crucial desta conversa. Agora resta estabelecer o que há de diferente entre ser aluno e ser estudante.

O aluno frequenta a escola por vários anos seguidos, assiste as aulas todos os dias e saem sem aprender quase nada, chegando às instituições de ensino com sérias deficiências de aprendizagem. O interessante é que alunos que tinham as melhores notas no ensino médio também costumam chegar nestas condições.

Confuso não é mesmo? O que acontece é que estes alunos mesmo de sucesso no ensino médio, estudam somente na véspera das provas. Desta forma, o que se estudou serve apenas para a avaliação, logo em seguida, em um prazo curto, este conhecimento é esquecido pela memória que se denomina de “memória recente”

Explicando melhor, o cérebro tem duas partes que são essenciais para a aprendizagem. O sistema límbico e o córtex.

O sistema límbico é responsável pelas emoções e pela memória recente, que permite a retenção de informações durante pouco tempo (horas ou dias),



Sabe-se, entretanto, que a memória recente depende do sistema límbico, que está envolvido nos processos de retenção e consolidação de informações novas e possivelmente também em seu armazenamento temporário e transferência para áreas neocorticais de associação para armazenamento permanente.

Isto significa que quando o aluno assiste às aulas, estuda na véspera das avaliações ou uma hora antes da mesma, o conhecimento se instala no sistema límbico, que é responsável pela memória recente. Se o aluno tiver a intenção de tirar notas boas, mas não aprender nada, esta é a forma ideal. Acontece que ao dar continuidade às aulas após a avaliação, este aluno terá dificuldades de compreensão se o conteúdo depender da aprendizagem do que foi visto anteriormente.

Portanto, nestas condições, o aluno pode até tirar boas notas, ser aprovado nos semestres subsequentes, terminar o seu curso com mérito, mas ao chegar ao mercado de trabalho se identificará que os anos passados na faculdade não serviram para uma aprendizagem significativa.

Para que a aprendizagem aconteça é preciso que esta aprendizagem se instale na chamada memória remota, que é:

Memória de longo prazo: Fica mais tempo no cérebro e é aquela que todo professor gostaria de fomentar em seus alunos. Quando dura anos, vira memória remota. Uma informação permanece no cérebro porque, quando foi apreendida, seus estímulos geraram novas sinapses, desencadearam síntese de proteínas, ativaram genes e provocaram a sua consolidação como conhecimento apreendido.

Esta explicação se torna necessária, mas para quem não é da área da saúde pode não esclarecer o assunto em questão.

Então para compreender esta diferença entre a memória recente, memória remota, sistema límbico e córtex, pode-se sintetizá-los da seguinte maneira.

Quando o aluno que estuda na véspera das provas ou mesmo assistindo às aulas, arquiva as informações na parte do límbico, e ele retém informações por no máximo vinte quatro horas. Ele pode até se sair bem nas avaliações, mas não aprendeu. Depois de 24 horas restam pouquíssimas informações no límbico, o restante é esquecido.

O aluno então é um ser passivo que ouve as informações que a escola proporciona e que deposita no límbico. A diferença com o estudante, é que o aluno depois de

processar as informações no límbico, precisa estudar para que elas passem para a parte do córtex, que vai deter as informações e fazer com que o aluno aprenda de fato, depositando o aprendizado na memória remota.

De que maneira é feito isto?

Tem-se ouvido muito de vários educadores que o aluno não aprende pois a aula é ruim. O que não é verdade, a aula com as novas metodologias ativas que estão sendo empregadas são de extrema importância, mas ela não foi feita para ensinar o aluno. A aula do professor serve para explicar o que o aluno não entendeu. E muitos professores e alunos ainda não assimilaram isto.

O processo de estudo tem que ser feito sozinho, logo após a aula e antes de dormir, para o caso dos alunos que estudam nos cursos noturnos. E este estudo é feito da segunda forma. Ao chegar em casa antes de dormir, releia o que você assistiu nas aulas daquele dia, pegue um caderno e escreva o que você reteve.

Pode parecer arcaico dizer escrever na era da computação, mas é necessário a escrita, pois assim as informações que estavam no límbico vão sendo processadas e ao dormir chegam ao córtex. O ato de digitar se torna tão mecânico que às vezes digita-se sem prestar muita atenção no que se está fazendo, por isto que é essencial que as anotações sejam manuscritas.

O sono é essencial para a aprendizagem, pois quando o corpo está em repouso, o cérebro continua trabalhando, fazendo as conexões necessárias para que haja a memória remota.

Mas e aquele aluno que trabalha o dia inteiro e ainda viaja por horas para assistir às aulas, chega em casa de madrugada, vai perder trinta minutos de sono, fazendo anotações das aulas?

Neste caso é bom salientar que este aluno não vai perder meia hora do seu sono, ele vai ganhar cinco anos de um curso bem feito, no caso específico do curso de direito, subindo um degrau por dia, e no final do curso estará preparado para o exame da OAB e para a profissão que o espera.

No início pode ser difícil, pode faltar concentração, pode haver muito sono, mas com o tempo esta prática vai se tornando corriqueira e o aluno se transformará em um estudante sem perceber.

E quando chegar nas datas das avaliações não ficará desesperado lendo um montante grande de conteúdos que não servirão para nada, pois depois da avaliação ele já terá esquecido o que leu.

Segundo o professor Pier (2009)

O que você já deve ter percebido, é que o ciclo da aprendizagem inicia-se, processa-se e encerra-se em 24 horas. É DIÁRIO! Se nesse período acontecerem três coisas, o ciclo completa-se de forma eficiente:

- 1 – Aula assistida com atenção
- 2 – Tarefa estudada no mesmo dia
- 3 – Uma boa noite de sono

Se qualquer uma das três não ocorrer, as 24 horas foram jogadas, do ponto de vista da aprendizagem, na lata do lixo! (PIAZZI, 2009, p.20)

Portanto as aulas são importantes para que o professor possa explicar e passar algumas informações pertinentes ao aluno, mas cabe a este querer ser um estudante ou um mero aluno.

Não se pode esquecer que o mercado de trabalho está cada vez mais acirrado e que existem vagas sobrando e faltam pessoas qualificadas, ou seja, pessoas que detém o conhecimento.

Vale a pena perder meia hora diária e ganhar uma vida de sucesso profissional, se sentindo preparado e seguro para atuar e competir com outros candidatos, que talvez não estejam tão bem preparados, que não souberam ser estudantes e foram apenas alunos durante os anos de faculdade.

Enfim, o caminho que se propõe neste texto, tem três partes essenciais. Primeiro seja aluno, assista as aulas, participe ativamente das atividades propostas pela instituição. Segundo faça anotações do que você assistiu nas aulas naquele dia e por último durma, pois é o sono que fará a transferência do que está no límbico para o córtex.

Seja um estudante e não somente um aluno. Faça o que os outros alunos não fazem e com isto saia na frente na corrida pelo mercado de trabalho.

Mas afinal o uso das tecnologias na escola é prejudicial ou benéfica?

Não resta dúvidas de que a evolução tecnológica utilizada de maneira correta, tem auxiliado muito o processo de ensino e aprendizagem. No momento em que o aluno passar a ser um estudante, ele buscará nas navegações pela internet, não só sites de relacionamentos, mas descobrirá o universo de conhecimentos que esta ferramenta pode lhe proporcionar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto em questão buscou discutir que apesar do mundo passar por um avanço tecnológico, ela está sendo mal utilizada pelo acadêmico, e como exemplo da má qualidade do aprendizado no Brasil demonstrou-se o quadro dos formando em direito com relação ao exame da (OAB)

Este exemplo foi especificado para se entender melhor a diferenciação entre aluno e estudante, no qual o aluno é aquele que somente assiste às aulas e lê o conteúdo visto na véspera das avaliações ou minutos antes dela.

O estudante é o aluno que depois de assistir às aulas estuda o conteúdo para que o mesmo seja consolidado pelo cérebro na parte do córtex.

Foi apresentado neste artigo que há três pontos necessários para que o conhecimento chegue até a memória remota. O aluno tem que assistir às aulas, estudar posteriormente e dormir.

Ao se habituar a este processo, as ferramentas disponibilizadas pelo uso da internet, auxiliará o processo de ensino aprendizagem.

Enfim, a aprendizagem não depende do professor e sim do empenho e esforço do aluno. O professor é um mediador do processo, ele esclarece o que o aluno não conseguiu entender, o ajudando em sua aprendizagem.

Quando o aluno brasileiro despertar para o fato de que ninguém pode aprender por ele, que o mesmo é o único responsável por sua aprendizagem, a qualidade do ensino brasileiro dará um salto. O professor não tem como transferir o seu conhecimento para o cérebro dos alunos.

O aluno tem que se tornar um estudante, não há outra saída para a educação brasileira, segundo alguns estudiosos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**GENTILE, Paola. Lembre-se: sem memória não há aprendizagem.** Disponível in <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/memoria-aprendizagem-406599.shtml>

**Índice de aprovação da OAB é o pior desde a unificação do Exame** Disponível in <http://www.bahianoticias.com.br/justica/noticia/45899-indice-de-aprovacao-da-oab-e-o-pior-desde-a-unificacao-do-exame.html>

**MACHADO, Angelo. Áreas Encefálicas Relacionadas com as Emoções. O sistema Límbico.** Disponível in: <http://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/emocoes.htm>

**OAB divulga estudo estatístico com resultados das nove últimas edições do Exame.** Disponível in: <http://www.provadaordem.com.br/post/87/oab-divulga-estudo-estatistico-com-resultados-das-nove-ultimas-edicoes-do-exame>.

PIAZZI, Pierluigi. Aprendendo inteligência: manual de instrução do cérebro de alunos em geral. 2ed. São Paulo: Aleph, 2008.

\_\_\_\_\_. Ensinando inteligência. São Paulo: Aleph, 2009

Wood jr, Thomaz. **Analfabetismo funcional.** Disponível in <http://www.cartacapital.com.br/revista/758/analfabetismo-funcional-6202.html>